



IV Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Novas Reflexões Sobre as Democracias do Nosso Tempo

Pelotas, 26, 27 e 28 de setembro de 2022.

GT: Teoria do Discurso e Abordagens Interdisciplinares **Título: A construção de sentidos pela mídia brasileira sobre os refugiados venezuelanos à luz da teoria política do discurso e sua apropriação por Jair Bolsonaro**

Renata da Silva
Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Ciência Política (UFPel/ Brasil)

Resumo: Entender a influência que a mídia tem sobre a construção da realidade e de sentidos é um dos focos de estudo na área do jornalismo. No entanto, quando se observa o papel dos veículos de comunicação no espaço político, a presença deles se altera nos diferentes contextos ao qual se apresentam, resultando em diferentes efeitos para o campo político e sociedade. Por isso, esse trabalho busca evidenciar qual foi a representação da realidade feita pela cobertura midiática brasileira sobre a migração de refugiados venezuelanos ocorrida em 2018, à luz da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, e como os sentidos construídos por ela refletem no discurso político de Jair Bolsonaro contra opositores de esquerda. Por meio do evidenciamento dos pontos de antagonismo, hegemonia e articulação presentes na cobertura midiática brasileira sobre os venezuelanos em território brasileiro, o estudo tem como objetivo demonstrar quais as novas formas que o jornalismo influencia no campo político e os efeitos gerados pela sua capacidade de construir a realidade. Para alcançar o objetivo proposto, foram analisadas quatro matérias veiculadas pelo jornal online G1 sobre a situação dos refugiados venezuelanos no Brasil, e duas notícias do site O Globo demonstrando o discurso de Jair Bolsonaro. A fim de estruturar os pensamentos, este trabalho se divide em quatro seções. A primeira delas é destinada a apresentar a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. A segunda seção é focada em apresentar a análise das matérias jornalísticas e qual os sentidos que ela gerou sobre os refugiados venezuelanos. Na terceira seção, é trabalhado o discurso de Jair Bolsonaro e os elementos que são articulados, de forma a constituir sua figura antagonista. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

Palavras-chave: Construção da realidade; Jornalismo; Discurso; Venezuelanos; Antagonismo.

Introdução

Nos últimos sete anos, o Brasil pôde acompanhar eventos que marcaram o contexto social e político da Venezuela por meio da cobertura jornalística brasileira. Alguns dos



tópicos de destaque foram a imigração de refugiados venezuelanos, que se intensificou entre 2017 e 2018 no Brasil, e a reeleição de Nicolás Maduro como presidente da Venezuela em 2018. Durante esse período, a mídia brasileira veiculou notícias sobre a situação do país governado pelo Presidente Maduro, como a crise econômica e social e a situação de vulnerabilidade dos venezuelanos em território brasileiro. Porém, em 2021, a temática sobre o país vizinho ressurgiu por meio de um novo interlocutor: o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal). Ao visitar um acampamento de refugiados venezuelanos em Boa Vista, no estado de Roraima, Bolsonaro lançou mão de recursos pejorativos em referência à Venezuela para criticar opositores políticos do campo ideológico de esquerda. O mesmo ocorreu em uma conversa que o atual presidente teve com apoiadores na saída do Palácio da Alvorada, em Brasília, em janeiro de 2021.

Conforme as teorias do jornalismo (WOLF, 2005; PORTO, 2004; TRAQUINA, 2005), como a teoria do *gatekeeper*, a teoria do agendamento e a teoria do enquadramento, essa área da comunicação tem grande influência na construção e representação de uma realidade para a sociedade. Dessa forma, quando o jornalismo nacional passa a cobrir a situação dos refugiados venezuelanos no Brasil, se acaba por estabelecer sentidos sobre eles, já que “os mass media são eficazes na construção da imagem da realidade que o sujeito vem estruturando” (Wolf, 2005, p. 152).

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo analisar qual foi a representação da realidade construída pela mídia brasileira em relação aos refugiados venezuelanos, por meio da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, e como os sentidos construídos pelo jornalismo aparecem no discurso de Jair Bolsonaro contra os seus opositores do campo ideológico de esquerda. Para alcançar o objetivo proposto, se usou como método a pesquisa qualitativa do tipo documental, em que foram analisadas quatro matérias veiculadas pelo jornal eletrônico G1, nos anos de 2017 e 2018, que cobriam o que veio a ser chamado de “crise dos refugiados venezuelanos”. Uma matéria representando a visita de Jair Bolsonaro ao acampamento de refugiados em Boa Vista e outra retratando uma conversa que ele teve com apoiadores em Brasília, ambas notícias veiculadas por veículos pertencentes ao grupo Globo, também compõem o *corpus* do material de análise deste trabalho, com o intuito de analisar também o discurso político do Presidente Bolsonaro, evidenciando os efeitos de sentido que o discurso jornalístico teve no espaço político. Se optou por utilizar somente



matérias do conglomerado Globo por representar a linha editorial do veículo, de forma a não ter enfoques diferentes na construção da realidade apresentada.

O trabalho se divide em quatro seções. No primeiro capítulo é apresentada a teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e suas categorias fundamentais para a análise do discurso em questão, como antagonismo, hegemonia e articulação. O segundo capítulo foca em analisar o discurso jornalístico por meio das matérias abordando os refugiados venezuelanos e os elementos discursivos presentes. Já o terceiro capítulo se destina a mostrar as matérias retratando Jair Bolsonaro, mostrando os sentidos que ele atribui à sua figura antagonica e, assim, constituindo seu discurso político. Por fim, são apresentadas as considerações finais, trazendo pontos para a discussão sobre a influência do jornalismo sobre o campo político e os efeitos que tem ao influenciar a constituição de discursos.

A teoria do discurso de Laclau e Mouffe

De acordo com Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015, p. 169), a sociedade e as identidades não são fechadas, mas sim, “carecem de qualquer essência, e suas regularidades consistem meramente de formas relativas e precárias de fixação que acompanham o estabelecimento de certa ordem”. Com isso, observar os discursos que estão presentes na sociedade, e que possuem a capacidade de atribuir sentidos à realidade, é algo essencial para compreender os efeitos que eles podem gerar.

Segundo Mendonça (2012, p. 207), “o social deve ser compreendido a partir de lógicas discursivas e cabe ao analista conhecer as regularidades de sentidos desses sistemas discursivos”. Nesse sentido, este capítulo tem como objetivo apresentar os aspectos teóricos da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, presente na linha do pós-estruturalismo, e que oferece ferramentas necessárias para as seguintes seções onde serão abordados o discurso da mídia brasileira e o discurso político de Jair Bolsonaro.

O discurso, para Laclau (2013, p. 116), é uma categoria que se concebe por meio de “quaisquer conjuntos de elementos nos quais as relações desempenham o papel constitutivo, em que sua lógica é delimitada pelo espaço e tempo em que se apresenta, ou seja, em suas condições de emergência”. Esse conjunto de elementos identificados no discurso, são entendidos por Laclau e Mouffe como pontos nodais, “os pontos discursivos privilegiados”



(LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 187). Esses pontos passam a organizar as relações sociais “que não estavam anteriormente articulados entre si e que, no momento da articulação e, em relação a ela, deixaram suas condições de elementos para assumirem status de momentos diferenciais” (MENDONÇA, 2003, p. 143).

Como “qualquer discurso se constitui como tentativa de dominar o campo da discursividade, de deter o fluxo das diferenças, de constituir um centro” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 187), as diferenças, chamadas também de elementos, presentes no social, ao passarem pelo processo de articulação, articuladas em torno de um ponto nodal, passam a anular suas particularidades, formam uma cadeia de equivalência, que, por sua vez, tem como representação um destes elementos presente neste complexo relacional. A articulação é compreendida como “qualquer prática que estabeleça uma relação entre elementos de tal modo que a sua identidade seja modificada como um resultado da prática articulatória” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 178). Por sua capacidade de transformar os elementos presentes em um discurso em momentos, a articulação possibilita que um discurso se hegemonize, se sobressaindo sobre os demais.

Sendo que “o objetivo da luta hegemônica consiste em desarticular práticas sedimentares de uma formação existente e, através da transformação dessas práticas e da instauração de outras novas, estabelecer pontos nodais de uma nova formação social hegemônica” (MOUFFE, 2019, p. 77). Isto é, “um discurso hegemônico é essencialmente um discurso sistematizador, aglutinador. É enfim, um discurso de unidade: unidade de diferenças” (MENDONÇA, 2009, p. 158). Nesse sentido,

hegemonizar un contenido equivalería, por consiguiente, a fijar su significación en torno de un punto nodal. El campo de lo social podría ser visto así como una guerra de trincheras en la que diferentes proyectos políticos intentan articular en torno de sí mismos un mayor número de significantes sociales (LACLAU, 2000, p. 45).

Como “a teoria do discurso investiga o modo como as práticas sociais formam sistematicamente as identidades de sujeitos e objetos, articulando uma série de elementos significantes contingentes disponíveis em um campo discursivo” (HOWARTH; STAVRAKAKIS, 200, p. 7, tradução nossa), a categoria de antagonismo se torna importante para a construção das identidades. Afinal, “ontologicamente o ser não tem fundamento, e o



antagonismo abre caminhos para processos de fundamentação/identificação na formação de identidades em relações constituídas na dimensão ôntica” (FREITAS, 2020, p. 141). Já que o antagonismo é “entendido tão somente como uma forma de identificação política, de identificação a partir de uma ameaça política” (MENDONÇA, 2012, p. 205), se tem assim o elemento necessário que irá classificar um discurso em discurso político, na concepção de Laclau, já que essa categoria possibilita o momento de “condição de possibilidade para a formação de identidades políticas” (MENDONÇA, 2012, p. 207).

Além disso, o antagonismo também é responsável por estabelecer as fronteiras entre um discurso e outro, “pois uma identidade puramente diferencial em relação a outros grupos tem de afirmar sua identidade do outro simultaneamente à sua e, como resultado, não pode pretender interferir na identidade daqueles outros grupos” (LACLAU, 2011, p. 81). No entanto,

mesmo que os discursos políticos sejam antagônicos, isso não impede que eles compartilhem de pontos semelhantes em sua estrutura. Eles podem compartilhar alguns sentidos. Os significantes flutuantes, por exemplo, flutuam entre os dois lados antagônicos e são palco de disputas para se definir qual lado da fronteira antagônica conseguirá hegemonizar sentidos, sempre de forma contingente (MENDONÇA, 2012, p. 224).

Laclau (2013), as categorias são estruturalmente diferentes: a primeira diz respeito à construção de uma identidade tomando como certa a fronteira, enquanto a segunda procura compreender a lógica dos deslocamentos dessa fronteira

Entende-se aqui significante flutuante, como “esses significantes cujo sentido está, assim ‘suspenso’” (LACLAU, 2013, p. 198). Como “ao longo da vida o sujeito se depara com uma multiplicidade de discursos e, na medida em que é interpelado por um, não é interpelado por outros” (PINTO, 1989, p. 28), o discurso que conseguir captar para si e atribuir um significado ao significante flutuante, acaba por conseguir se hegemonizar sobre os demais discursos.

Ou seja, o discurso que hegemoniza um sentido, que antes estava sendo disputado, será a forma como a sociedade passará a ver um determinado assunto ou elementos. Afinal,

a construção do sentido está relacionado com esse jogo entre o simbólico e a própria construção da realidade. Portanto, não há um sentido puro nem mesmo uma



realidade objetiva e simbolicamente pré-estruturada. O simbólico se relaciona de forma direta com o sentido, que conecta a realidade (FREITAS, 2021, pg. 9).

Nesse sentido, analisar o discurso jornalístico brasileiro sobre os refugiados venezuelanos possibilita que se entenda quais foram os sentidos estabelecidos a respeito desse grupo, para que seja entendido como os efeitos desses discursos influenciam no discurso político de Jair Bolsonaro.

O discurso do jornalismo brasileiro e a construção de significados sobre os refugiados venezuelanos

De acordo com Lima (2009, p. 21), “o papel mais importante que a mídia desempenha decorre do poder de longo prazo que ela tem na construção da realidade através de representação que faz dos diferentes aspectos da vida humana”. Por esse motivo, entender a forma como o discurso do jornalismo se estrutura possibilita compreender como são construídos os sentidos que essa área da comunicação pode gerar sobre determinado grupo ou situação. Somente assim se torna possível entender os efeitos desse processo na sociedade.

Nesse sentido, este capítulo tem como objetivo analisar o discurso estabelecido pelo jornalismo brasileiro sobre os refugiados venezuelanos no Brasil. Para isso, foram analisadas quatro matérias veiculadas pelo portal de notícias *online* G1 nos anos de 2017 e 2018. A escolha das matérias se deu por terem sido produzidas pelo correspondente G1 de Roraima, estado que é a porta de entrada de venezuelanos para o Brasil por meio da fronteira entre os dois países na cidade de Pacaraima. Ou seja, foi uma das regiões do país que mais sentiram os efeitos da presença dos venezuelanos. Outro fator que influenciou a decisão pelas referentes notícias foi por terem sido divulgadas em um período próximo às últimas eleições para presidente da Venezuela, que ocorreram em 20 de maio de 2018, além do contexto de crise econômica e social do país, de queda do preço do barril de petróleo e do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos no território venezuelano.

Para fins de melhor identificação das matérias, cada uma será referenciada por uma letra. A primeira matéria, intitulada “Pedidos de refúgio de venezuelanos em RR cresceram 22.000% em 3 anos”, publicada em 13 de março de 2017, que aborda o número de venezuelanos que requisitaram refúgio no Brasil e sua situação no país, é identificada pela



letra *A*. A segunda matéria, denominada “Veja relatos; G1 foi até a fronteira com a Venezuela e acompanhou a fila de imigrantes em busca de comida e emprego”, do dia 19 de agosto de 2017, que também aborda o número de refugiados venezuelanos que chegaram ao Brasil, demonstrando as dificuldades que enfrentam no processo, a partir daqui será identificada pela letra *B*. Já a terceira matéria, com o título “Roraima decreta situação de emergência diante de intensa imigração de venezuelanos”, publicada em 7 de dezembro de 2017, evidenciando os desafios que Roraima enfrenta com o crescente número de venezuelanos que chegam no Estado, é identificada pela letra *C*. Por fim, a quarta matéria, “Sem dinheiro, venezuelanos acampam às margens de rodovia na fronteira do Brasil: 'aqui pelo menos temos comida'”, veiculada em 26 de julho de 2018, demonstrando a situação dos venezuelanos e como vivem no Brasil, será referenciada pela letra *D*.

Como na concepção de Laclau e Mouffe, o discurso pode ser não só “percebido como a união entre o que se fala e o que se escreve, mas também a forma como se age” (MENDONÇA, 2012, p. 205), é preciso que se observe como os elementos de um discurso se relacionam, de forma a evidenciar os seus pontos nodais, e assim, o seu ponto de articulação.

O primeiro ponto a se observar é a presença nas quatro matérias em relação ao número de refugiados que entram no Brasil, dando destaque para porcentagens com altos valores e aumento do número em pouco tempo. Na matéria *A*, essa informação já está presente desde o título, "pedidos de refúgio de venezuelanos em RR cresceram 22.000% em 3 anos". A mesma notícia segue com a seguinte informação: “o número de venezuelano que solicitaram refúgio em Roraima cresceu 22.122% nos últimos três anos, revelam dados divulgados pela Polícia Federal no estado”. Na matéria *B*, se tem o seguinte trecho: “segundo dados da PF em Roraima, mais de 6,4 mil pedidos de refúgio de venezuelanos foram registrados de janeiro a junho de 2017. O número representa um aumento de 188% em relação aos 2,2 mil pedidos realizados em todo o ano de 2016”. Já na matéria *C*, o seguinte trecho também apresenta a mesma realidade dos altos números de migração com a seguinte informação: “desde o final de 2015, Roraima recebe crescente número de imigrantes que cruzam a fronteira da Venezuela pelo estado”. Por fim, na matéria *D*, se tem a informação de que “nos primeiros seis meses deste ano, mais de 16 mil venezuelanos pediram refúgio em Roraima, segundo a Polícia Federal. O número já é 20% maior do que o registrado em todo o ano de 2017, quando foram recebidas pouco mais de 13,5 mil solicitações”. Dessa forma, as matérias buscam enfatizar



que o processo migratório de venezuelanos ao Brasil ocorreu em grande quantidade. Além disso, na matéria *A*, o alto número de refugiados venezuelanos é associado ao cenário de crise no país vizinho, como é colocado no seguinte trecho da referência à matéria: “migração em massa coincide com agravamento da crise na Venezuela”. Como “o processo interpelativo no interior de uma sociedade se constitui na luta por construção de sujeitos” (PINTO, 1989, p. 28), agora cabe evidenciar quais foram os sentidos que as notícias analisadas produziram sobre os refugiados venezuelanos, a quais elementos esse grupo foi relacionado e a figura ao qual o jornalismo coloca como sua figura antagônica.

Um elemento que aparece em destaque nas quatro matérias é a fome, atribuída como um dos principais motivos de sua saída do país natal. Por meio de depoimentos de venezuelanos, as notícias informam que a opção de vir ao Brasil ocorreu em decorrência da falta de comida e o aumento da fome na Venezuela. Como visto na matéria *B*, que informa que “na Venezuela as pessoas estão passando fome. Muita gente busca no lixo o que comer. A comida está muito cara e o dinheiro não dá para nada”. O mesmo também ocorre na notícia *D*, em que um venezuelano dá o seguinte depoimento: “a Venezuela tem muitos recursos naturais, mas já estamos cansados de passar fome. Tenho uma filha e chorava quando via ela comendo só manga”. Além disso, em certos momentos nas matérias, é feita a associação da ausência de comida no país vizinho por causa da crise econômica, como informado na matéria *A*: “nos relatos deles [venezuelanos], a crise econômica e a conseqüente falta de comida na Venezuela são fatores comuns”. Assim, se tem um dos primeiros sentidos que o jornalismo brasileiro atribuiu aos venezuelanos: um povo que sofre de fome e não tem acesso a comida no país de origem, causada por problemas econômicos do próprio país.

O desemprego na Venezuela é outro ponto presente nas matérias analisadas. Na notícia *C*, se tem o seguinte trecho: “a imigração cresce conforme a crise na Venezuela se alastra nos setores de emprego, alimentos e remédios”. Já na notícia *D*, a ideia de falta de emprego se mantém, por meio de um depoimento de uma venezuelana no Brasil: “vim porque na Venezuela não tem trabalho, comida e remédio. Não tem nada”. Importante destacar que o uso de depoimentos dos venezuelanos nas matérias se dá pela tentativa de validar uma informação por meio de quem a vive. Afinal, “os jornalistas podem criar importância e certificar a autoridade tanto quanto refleti-la, ao decidir quem deve falar sobre o que e em que circunstâncias” (COOK, 2011, p. 206), a presença dos depoimentos nas matérias seriam as



testemunhas fiéis sobre os acontecimentos, visto que “as fontes relativamente sem poder são retratadas como vítimas de eventos que lhes aconteceram” (*ibidem*, p. 212). Nesse sentido, ao se utilizar do depoimento dos próprios venezuelanos e de informações sobre sua situação, as matérias evidenciam e certificam um determinado cenário sobre a Venezuela, um país em que os cidadãos sofrem com a falta de alimentação e trabalho e até mesmo cuidados em relação à saúde.

Ainda em relação ao elemento “desemprego”, associado a uma realidade na Venezuela, as matérias também buscam apresentar que as pessoas que se refugiaram no Brasil possuíam um trabalho no país de origem, mas tiveram de abrir mão disso para tentar sobreviver. Informação evidenciada na matéria *A*, no seguinte trecho: “Eu era soldador em uma petrolífera venezuelana há seis meses. Um dia meu salário atrasou e eu disse ao meu patrão que não dava mais para comer na Venezuela. Ele me demitiu de imediato”. Porém, mesmo que no Brasil esses refugiados tenham um emprego abaixo do nível do trabalho anterior, a opção de estar no Brasil é preferível, como também é colocado em um trecho na matéria *A*: “hoje, vendendo flores em um sinal de Boa Vista, ele [refugiado venezuelano] diz que quer se regularizar no Brasil para trazer, em breve, para Roraima, a mulher e os dois filhos que continuam morando em Caracas, capital do país [Venezuela]”.

Outro ponto que acaba sendo relacionado aos venezuelanos e ao país vizinho é a falta de acesso a remédios e saúde. No seguinte trecho, também da matéria *A*, é informado que alguns venezuelanos “vêm apenas em busca de tratamento médico, o que levou o estado [de Roraima] a decretar emergência na Saúde”. Com isso, um problema ainda é apresentado em consequência da presença de refugiados venezuelanos no Brasil, problemas no estado de Roraima, por não conseguir comportar de forma correta todos aqueles que chegam. Isso pode ser notado na matéria *C*, que diz que “o governo de Roraima decretou situação de emergência social devido ao intenso processo de imigração de venezuelanos para o estado”. Além disso, na notícia *D*, é evidenciado a condição que alguns venezuelanos se apresentam no Brasil naquele período, em que “no acampamento às margens da rodovia, famílias inteiras estão morando em barracas de camping e estruturas improvisadas com lonas, madeiras e até papelões”.

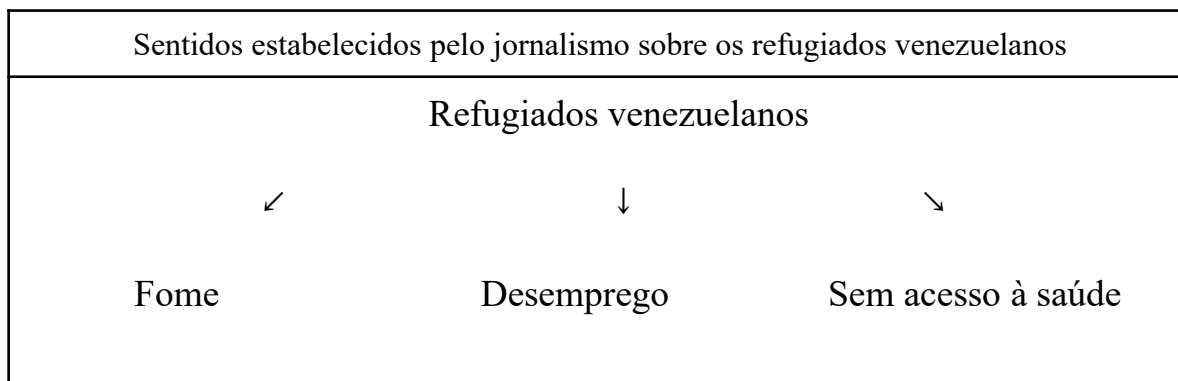
Ou seja, as matérias analisadas atribuem aos venezuelanos os seguintes sentidos: são pessoas que sofrem de fome, da falta de emprego e de acesso à remédios no país, mas mesmo



em situação de rua ou em empregos de baixo nível, comparado ao que possuíam antes, ainda preferem o Brasil para fugirem da condição de vida precária que tinham na Venezuela. Outro sentido estabelecido sobre esse grupo são os efeitos que a presença deles em território nacional causaram, sendo atribuídos como responsáveis pelos problemas vistos no estado de Roraima.

Estabelecida a identidade dos venezuelanos, atribuída pelo jornalismo brasileiro, é necessário apresentar qual a figura antagônica desse discurso, já que “o antagonismo constitui determinadas identidades a partir de articulações discursivas marcadas pela negação de sua expansão dentro de um jogo simbólico de significados e sentidos” (FREITAS, 2021, p. 12).

A figura ao qual as matérias apresentam como sendo antagônicas ao bem estar dos venezuelanos é o governo de Nicolás Maduro. No trecho em questão, as matérias já evidenciam, por meio do depoimento de um refugiado venezuelano, que a falta de comida e a perda do trabalho se deu em consequência do governo de Nicolás Maduro. No seguinte trecho da matéria *B*, é informado que “centenas de venezuelanos cruzam diariamente a fronteira entre o Brasil e a Venezuela em busca de trabalho, comida e fugindo do regime político do presidente Nicolás Maduro”. Na mesma notícia, também é possível destacar o seguinte trecho: “tem que trocar o governo e esperar que as pessoas que foram embora do país voltem. São pessoas de bem”. Na matéria *C*, a ideia de associar o governo chavista a elementos negativos também é evidenciado no trecho “eles fogem da fome, do desemprego e da falta de serviços de saúde no país governado por Nicolás Maduro”. Assim, ao mesmo tempo que o jornalismo busca mostrar o responsável pelos problemas enfrentados pelos refugiados venezuelanos e pelo estado de Roraima, ela também direciona críticas ao governo de Maduro. Afinal o jornalismo é influenciado por interesses econômicos, já que “todos os grandes órgãos de mídia compartilham de uma mesma visão de mundo, que inclui em especial o compromisso com a ordem capitalista” (MIGUEL, 2002, p. 164), o que impede a sua total isenção. Dessa forma, as matérias fazem “com que as pessoas atribuam a responsabilidade pelos problemas políticos e sociais de indivíduos, em lugar de consideração de força ou fatores sociais mais amplos” (PORTO, 2004, p. 86). Ou seja, as questões negativas relacionadas aos refugiados venezuelanos são apresentadas à sociedade não como um problema relacionado à crise econômica, mas sim ao governo venezuelano.



(Tabela de autoria própria, baseada na análise feita neste trabalho)

Os reflexos do discurso do jornalismo no discurso político de Jair Bolsonaro

Eleito em 2018 como presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, no início de seu governo, se apresentava como um político do campo ideológico de direita. No entanto, Bolsonaro não escapa da capacidade que o jornalismo tem em criar sentidos discursivos que a sociedade compreende o mundo à volta. Ao mesmo tempo em que o atual presidente critica adversários políticos, ele se utiliza de argumentos que foram estabelecidos pelo jornalismo sobre os venezuelanos e o governo do país vizinho. Isso pode ser evidenciado na matéria do O Globo, intitulada “‘Quem decide se um povo vai viver na democracia ou na ditadura são as suas Forças Armadas’, diz Bolsonaro”, veiculada em 18 de janeiro de 2021. Em uma conversa que o atual presidente teve com apoiadores na saída do Palácio da Alvorada, em Brasília, Bolsonaro direciona críticas à Maduro e a forma como o líder chavista governa pelo seguinte depoimento:

ele poderia dar auxílio emergencial para o seu povo também né? O salário mínimo lá não compra meio quilo de arroz. Não tem mais cachorro lá, por que será? Alguma peste? Comeram os cachorros todos. Comeram os gatos todos.

Assim, Bolsonaro se utiliza do sentido estabelecido pelo jornalismo que a população na Venezuela sofre com a fome, em que não há mais cachorros no país por terem sido todos comidos. Na mesma matéria, Bolsonaro comenta a seguinte opinião: “‘o pessoal parece que não enxerga o que o povo passa, para onde querem levar o Brasil’, apontando o socialismo como objetivo de seus opositores”. Dessa forma o atual presidente acaba por estabelecer a



ideia de um cenário ruim ligado a governos denominados socialistas. Afinal, “um discurso se forma sempre na tentativa de dominar o campo da discursividade, buscando, desse modo, se constituir como um ponto nodal, privilegiado, hegemônico” (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 10).

A ideia de associar políticos do campo ideológico de esquerda a elementos negativos também pode ser notada na matéria veiculada no site O Globo, intitulada “Em visita a Roraima, Bolsonaro filma famílias venezuelanas e ouve pedidos de ajuda, mas culpa a esquerda”, e veiculada em 26 de outubro de 2021. Nela, como informado pela notícia, “em diversos momentos, o governo disse que o brasileiro não poderia deixar que o que aconteceu na Venezuela se repita no Brasil e que deve aprender como o erro da Venezuela”, se referindo ao povo venezuelano por terem votado em um governo de esquerda. O processo de migração dos venezuelanos e o elemento da fome também são abordados novamente por Bolsonaro, em que ele diz: “a gente não quer que nossos filhos fujam do nosso país. Não tem o que comer na Venezuela”. Nesse sentido, como “todo objeto é de formação discursiva e, além do mais, nenhuma significação pode ser construída fora de uma formação discursiva, ou seja, todo objeto é constituído do social, em que este é o fruto da relação discursiva” (FREITAS, 2021, p. 9), ao utilizar sentidos em seu discurso sobre a Venezuela, Bolsonaro capta para si elementos que já foram constituído de outra formação discursiva.

A associação que o atual presidente faz entre governos de esquerda e elementos negativos sobre a Venezuela podem ser observadas em outro trecho da matéria sobre a sua visita ao acampamento.

Através do socialismo, Foro de São Paulo, governos de esquerda no passado que ajudaram a chegar lá isso que está na Venezuela que nós nos preocupamos que não aconteça no Brasil - disse Bolsonaro, que completou: - Mas eles vêm pra cá atrás de comida. A média que perderam de peso é 10 kg. Aqui no Brasil, conseguem. Aqui tem comida todo dia?

Dessa forma, Bolsonaro passa a relacionar governos de viés ideológico de esquerda, ou socialistas, como ele se refere, a um cenário de condições precárias, onde se passa fome e onde o regime político é ditatorial, fazendo com que a opção da população seja sair do país em busca de melhores condições de vida.

Dessa forma, como “uma campanha eleitoral é um processo de construção de antagonismos: ela joga várias imagens umas contra as outras” (MANIN, 1995, p. 15),



Bolsonaro, ao estabelecer sua figura antagonica, desde 2021 ele já evidenciava que sua campanha política para se validar como candidato não se encerrou desde as eleições de 2018.

Considerações finais

Por meio da análise do discurso do jornalismo brasileiro, se pôde perceber que os sentidos gerados por ele em relação à Venezuela foram fome, desemprego e ausência de acesso à saúde, tendo como elemento articulador condições precárias de vida, relacionada à população venezuelana, e que tem como figura antagonica, o governo socialista de Nicolás Maduro. Assim, quando um sujeito se utiliza desses sentidos ao se referir ao país vizinho, se percebe que o jornalismo não só têm a capacidade de influenciar a sociedade, como também o campo político, ao estabelecer sentidos que são captados de forma a sustentar argumentos presentes no discurso político. Afinal, Jair Bolsonaro, ao se utilizar da Venezuela como um exemplo de regime de governo negativo, está refletindo as preferências estabelecidas pelo jornalismo nos últimos anos.

Além disso, ao pautar o debate político, criando preferências de sentidos que serão utilizados por sujeitos políticos, o jornalismo também se beneficia disso. Assim como o campo político, o campo da comunicação também necessita de um palco para defender seus interesses particulares. Nesse sentido, o jornalismo não está preocupado em evidenciar a situação dos venezuelanos, mas sim lançar críticas ao governo de Nicolás Maduro, que vai contra os ideais neoliberais defendidos pela imprensa brasileira.

Isso ocorre pois o jornalismo não defende atores ou ideologias, mas sim projetos econômicos. No entanto, como o jornalismo é visto como o guardião da informação, necessária à sociedade, os projetos defendidos por ele devem estar atrelados à ideia de democracia. No caso da mídia brasileira, ela defende a democracia liberal, com seu projeto econômico neoliberal. Nesse sentido, o jornalismo no Brasil investiga, dá o resultado e atua como um decisor da realidade. Por isso, é preciso observar não só os sentidos estabelecidos pela mídia, como também seus interesses políticos e econômicos.



Referências

BRANDÃO, Inaê. **Sem dinheiro, venezuelanos acampam às margens de rodovia na fronteira do Brasil: ‘aqui pelo menos temos comida’**. G1, Boa Vista, 26 jul. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/07/26/sem-dinheiro-venezuelanos-acampam-as-margens-de-rodovia-na-fronteira-do-brasil-aqui-pelo-menos-temos-comida.ghtml>. Acesso: 20 jul. 2022.

BRANDÃO, Inaê. **Veja relatos; G1 foi até a fronteira com a Venezuela e acompanhou a fila de imigrantes em busca de comida e emprego**. G1, 19 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/veja-relatos-g1-foi-ate-a-fronteira-com-a-venezuela-e-acompanhou-a-fila-de-imigrantes-em-busca-de-comida-e-emprego.ghtml>. Acesso: 20 jul. 2022.

COOK, Timothy. O jornalismo político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, 2011, p. 203-247.

COSTA, Emily. **Pedidos de refúgio de venezuelanos em RR cresceram 22.000% em 3 anos**. G1, 13 mar. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2017/03/pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-em-rr-cresceram-22000-em-3-anos.html>. Acesso: 20 jul. 2022.

COSTA, Emily. **Roraima decreta situação de emergência diante de intensa imigração de venezuelanos**. G1, 07 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/roraima-decreta-situacao-de-emergencia-diante-de-intensa-imigracao-de-venezuelanos.ghtml>. Acesso: 20 jul. 2022.

DANTAS, Dimitrius. **Em visita a Roraima, Bolsonaro filma famílias venezuelanas e ouve pedidos de ajuda, mas culpa a esquerda**. O Globo, Brasília, 26 out. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/em-visita-roraima-bolsonaro-filma-familias-venezuelanas-ouve-pedidos-de-ajuda-mas-culpa-esquerda-1-25252199>. Acesso: 23 jul. 2022.

FREITAS, Felipe Corral de. A política como antagonismo: a irredutibilidade do conflito político. **Caderno CRH**, v.34, 2021, p. 1-24.

FREITAS, Felipe Corral de. Repensando o Agonismo: o impasse não superado entre conflito e consenso. **Revista Teoria & Pesquisa**, v. 30, n. 3, 2020, p. 135-158.

HOWARTH, David; STAVRAKAKIS, Yannis. **Discourse theory and political analysis: identities, hegemonies and social change**. Manchester: Manchester University Press, 2000.



LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. 2ª edición. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

LIMA, Venício. Revisitando sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, jan./jun, 2009, p. 13-37.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v.10, n.29 São Paulo out. 1995.

MENDONÇA, Daniel de. Antagonismo como identificação política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº9. Brasília, setembro - dezembro de 2012, p. 205-228.

MENDONÇA, Daniel. A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. **Revista Sociologia Política**, vol. 11, no. 20, 2003, p.135-145.

MENDONÇA, Daniel de. Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 1. Brasília, janeiro-junho, 2009, p. 153-169.

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, São Paulo, 2002, p. 155- 184.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney: o discurso do Plano Cruzado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. São Paulo: Editora Unesp; Salvador: Editora UFBA, 2004, p. 73-104.

'**Quem decide se um povo vai viver na democracia ou na ditadura são as suas Forças Armadas**', diz Bolsonaro. O Globo, Brasília, 18 jan. 2021. Disponível em:



<https://oglobo.globo.com/politica/quem-decide-se-um-povo-vai-viver-na-democracia-ou-na-ditadura-sao-as-suas-forcas-armadas-diz-bolsonaro-1-24843841>. Acesso: 22 jul. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Vol. I: porque as notícias são como são**. 2ª edição. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.